

Fernão de OLIVEIRA. *Gramática da Linguagem Portuguesa, Fac-simile, introdução e edição actualizada e anotada por: José Eduardo Franco e João Paulo Silvestre*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 2012. 247 pgs. ISBN 978-972-31-1447-8 (edição em capa dura)

Sónia Duarte

duarte.sonia@sapo.pt

Centro de Linguística da Universidade do Porto (Portugal)

Como evidencia Rogelio Ponce de León Romeo (2010: 553-554) num artigo dedicado à atividade de crítica textual no âmbito gramaticográfico, apesar das insuficiências, “tem havido um aumento da publicação - em forma de edições críticas e facsimiladas - de textos metagramaticais”. Entre estas, o mesmo autor (Ponce de León 2010: 554) destaca, no quadro peninsular e nos vinte e cinco anos precedentes, o trabalho crítico-textual sobre os textos de Antonio de Nebrija e de Fernão de Oliveira. Curiosamente, reforçando esta apreciação, nos últimos dois anos, saiu à luz uma edição crítica da *Gramática Castellana* (Madrid 1492) de Nebrija e uma edição atualizada e anotada da *Grammatica da lingoagem portuguesa* (Lisboa 1536) de Oliveira. A primeira é da responsabilidade de Carmen Lozano (2011); a segunda, limitada a 750 exemplares, é o objeto desta recensão.

Os editores desta nova edição do texto quinhentista dedicam-se a diferentes áreas de investigação: José Eduardo Franco é especialista em história da cultura e João Paulo Silvestre em historiografia linguística, lexicologia e edição de corpora e ambos publicaram já sobre Oliveira (Franco 2009; Silvestre 2009) num mesmo volume coletivo. Neste trabalho que agora empreendem em comum, os referidos investigadores dão sentido à articulação das suas diferentes áreas de especialidade sublinhando a abrangência do valor documental do texto, tanto relativamente à história da língua como relativamente à história da cultura e das ideias, descrevendo a presente edição como “proposta de uma leitura sincrética, que respeita

esse amplo valor testemunhal” (p. 8). Nesse sentido, como se explica na introdução, João Paulo Silvestre encarregou-se da fixação do texto e dos índices lexicais e José Eduardo Franco assumiu a responsabilidade dos comentários históricos e culturais.

A leitura que aqui se apresenta foi ainda recentemente precedida de outras duas sobre o mesmo texto: a edição crítica de Torres & Assunção (2000), reeditada em 2007, e a edição diplomática de Paiva (2002), comentadas ambas por José Eduardo Franco e João Paulo Silvestre, aquando da explicitação dos critérios da sua própria edição (39-43), e contabilizadas na listagem de edições impressas do texto, incluída entre a bibliografia final (p. 232). Relativamente às anteriores edições modernas de Oliveira e no tocante especificamente à fixação do texto, como se expõe na introdução, o principal objetivo dos editores, é o de “proporcionar uma leitura actualizada que observa e mantém a informação metalinguística, e que oferece o confronto com o fac-simile da impressão de 1536”¹ (p. 8). Com efeito, é considerando estes aspetos que a edição aqui visada se posiciona em especial relativamente à única leitura atualizada que os precede (Buescu 1975), na qual, segundo os editores do volume recenseado, a atualização dos exemplos sem indicação da forma original deu lugar a “incoerências no enunciado gramatical” (p. 40). Os editores salientam ainda divergências, relativamente à supracitada edição de Buescu, quanto à não manutenção de determinadas formas arcaizantes com continuidade no registo literário. Como se deduz da passagem acima transcrita, afigura-se-lhes ainda como uma limitação o facto de a edição de 1975 não ir acompanhada de fac-simile, o qual, por seu turno, foi editado pela primeira vez em 1981, por iniciativa da Biblioteca Nacional. Da mesma forma, relativamente à edição crítica de Torres & Assunção (2000), que os editores assumem como leitura de referência (p. 43), a edição de 2012 propõe-se igualmente reconsiderar a uniformização de certas opções, assegurando que a resolução de variantes se submete a critérios específicos que não contrariem a teoria metalinguística exposta no texto de Oliveira.

No que concerne à estrutura, esta está organizada em três partes: uma que corresponde ao texto introdutório (pp. 7- 43), outra dedicada ao texto

¹ Nas citações, foi respeitada a opção ortográfica dos autores, que não seguem o acordo ortográfico de 1990.

metagramatical (pp. 45-195) e outra ainda, aos índices e bibliografia (pp. 197-247). Na introdução, após algumas breves considerações sobre o carácter multifacetado da vida e obra de Oliveira, sobre a amplitude do valor da sua produção metagramatical e sobre os propósitos e especificidades desta edição, o discurso incide sobre determinadas dimensões da obra, que se articulam em torno dos seguintes eixos: i) a língua e o texto metalinguístico no quadro de um projeto político nacional de afirmação e expansão; ii) a exposição da teoria gramatical de Oliveira e o seu enquadramento na tradição metalinguística portuguesa². Assim, dentro do primeiro ponto, evidencia-se em que medida o texto de Oliveira é um exemplo original de afirmação linguística no quadro teórico da questão da língua em Portugal³, mas também a confirmação de que o processo de gramatização tem implicações extralinguísticas⁴ que põem em relevo a pertinência da aliança entre história e filologia, assumida pelos editores. No âmbito do segundo ponto, destacam-se os seguintes aspetos: o papel da observação enquanto marca do espírito humanista visível no tratamento dos fenómenos linguísticos por Oliveira; a reivindicação do vernáculo e a legitimação da sua singularidade; a consideração ou não da obra dentro do paradigma textual de *gramática*⁵; a heterodoxia das estratégias de construção da autoridade subjacente às propostas gramaticais, nomeadamente a opção pelo discurso na primeira pessoa e a valorização de dados empíricos; a opção por uma terminologia

² Como advertem os próprios autores, esta parte da introdução corresponde a uma significativa ampliação do trabalho anteriormente citado de Silvestre (2009).

³ Utilizo este conceito tal como descrito por Buescu, no seguimento de Picchio (1959), no âmbito da tensão bipolarizada, por um lado, face ao latim e, por outro, face ao castelhano:

“Ora o binómio português/castelhano, aparentemente adversativo do binómio latim/português traz, afinal, a neutralização deste, na medida em que a posição em relação ao castelhano releva duma *praxis*: apresenta a iminência de um risco que os humanistas pressentem. O do predomínio de uma língua competitiva, forma de expressão de uma nação de algum modo rival –em termos objetivos mais poderosa – no plano político interno e também no plano duma política expansionista e imperial.

Assim a reaproximação com o Latim representa o estreitamento de um vínculo que, sendo tutelar, é também libertador” (Buescu 1983: 225).

⁴ Uma referência incontornável sobre essas implicações no âmbito específico da obra de Oliveira é o conhecido trabalho de Eugenio Asensio (1974[1960]: 11-13), onde se aproxima a dimensão imperial do texto de Oliveira à sustentada por Nebrija.

⁵ Os editores parecem decantar-se pela segunda opção, não o descrevendo como tal, mas caracterizando-o alternativamente como “primeiro ensaio de uma codificação da língua portuguesa” (p. 7), “breve tratado” (p. 7), ou, apropriando-se das palavras de Oliveira, como “primeira anotação” (p. 24). Na referência ao debate em torno desta questão, os autores (p. 10. n. 10) citam Buescu (1984[1983]: 17), que relativiza a aplicação à obra de Oliveira da designação de *gramática* “o título de gramática contido no rosto, corresponde efectivamente, a um título genérico, talvez imposto pelo editor, prosseguindo na tradição medieval de chamar *gramática* a todas as obras de conteúdo linguístico”. Mais recentemente, esta posição foi ainda reforçada por Schäfer-Prieß (no prelo: 1.1.6).

diferenciada da utilizada na tradição gramatical de descrição do latim; o reduzido impacto do texto na tradição gramaticográfica subsequente.

Após a introdução, na parte dedicada ao texto metagramatical, há lugar à explicitação dos critérios editoriais, durante a qual se tecem ainda algumas considerações sobre o panorama precedente na edição da obra de Oliveira, bem como sobre os recursos lexicográficos utilizados no esclarecimento de dúvidas pontuais e que, como explicitam os editores, correspondem “preferencialmente ao testemunho da tradição lexicográfica antiga⁶ (p. 43). Seguidamente, a leitura e fac-símile do texto de Oliveira surgem em páginas alternadas, de forma a reproduzir a distribuição de páginas original, encontrando-se numeradas de forma sequencial a partir da folha de rosto. Nas notas de rodapé, para além do esclarecimento de léxico e de referências histórico-culturais – como, de resto ocorria já, nas notas finais, na edição de Buescu (1975: 127-137) – os editores investiram ainda, coerentemente com os propósitos definidos, em deixar transparecer, quer o texto original, quer os desvios à já referida leitura crítica de Torres & Assunção.

No que diz respeito aos índices e bibliografia, constitui um contributo a destacar a integração de uma ferramenta de grande utilidade como é um índice de exemplos (pp. 197-205) e um índice metalinguístico (pp. 207-229), assim como a atualização dos dados bibliográficos desde a última edição do texto (Torres & Assunção 2007).

Como comentário final, cabe sublinhar a coerência do trabalho de edição com os objetivos propostos e o preenchimento oportuno de um espaço no contexto do trabalho editorial em torno da obra metagramatical de Oliveira, e que, como salientam os editores na introdução (p. 9), seria útil que fosse ampliado com a edição das obras completas de Fernão de Oliveira.

REFERÊNCIAS

Asensio, E. 1960. La lengua compañera del imperio. Historia de una idea de Nebrija en España y Portugal. *Revista de Filología Española*. XLIII: 399-413.

⁶ Esta aparece identificada pelos editores com as obras de Bento Pereira, Rafael Bluteau e Jerónimo Cardoso.

- Buescu, M. L. C. (Ed.). 1975. *A Gramática da Linguagem Portuguesa*. Introdução, leitura atualizada e notas. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.
- Buescu, M. L. C. 1983. *Babel ou a ruptura do signo. A gramática e os gramáticos portugueses do Século XVI*. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda.
- Franco, J. E. 2009. Fernando Oliveira, ideógrafo da proto-nacionalidade portuguesa. In: C. Morais (Coord.). *Fernando de Oliveira. Um humanista genial*. Aveiro: Universidade de Aveiro – Centro de Línguas e Culturas, 547-580.
- Nebrija, A. de. 2011[1492]. *Gramática sobre la lengua castellana*. Edición estudio y notas de Carmen Lozano. Barcelona: Real Academia Española, Círculo de Lectores, Galaxia Gutenberg.
- Oliveira, F. de. 1981. *Gramática da Linguagem Portuguesa*. Edição fac-similada. Lisboa: Biblioteca Nacional (reeditada em 1988).
- Paiva, M. H. 2002. *Os gramáticos portugueses quinhentistas e a fixação do padrão linguístico: contribuição da Informática para o estudo das relações entre funcionamento, variação e mudança*. Porto. Tese de doutoramento em Linguística Portuguesa apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- Ponce de León, R. 2010. "Ars grammatica" e "ars critica": breves considerações sobre a crítica textual aplicada aos textos metagramaticais no âmbito da Península Ibérica. In F. Topa & M. J. Reynaud (Eds.) *Crítica Textual & Crítica Genética em Diálogo; Colóquio Internacional: Porto, 18-20 de Outubro de 2007: actas – I*, 553-563.
- Schäfer-Prieß, B. No prelo. *A Gramaticografia Portuguesa de 1540 até 1822: Condições da sua génese e critérios de categorização, no âmbito da tradição latina, espanhola e francesa*. Traducción de Jaime Ferreira da Silva, revisada y actualizada por la autora.
- Silvestre, J. P. 2009. A autoridade heterodoxa da *Grammatica* de Fernão de Oliveira. In C. Morais (Coord.). *Fernando de Oliveira. Um humanista genial*. Aveiro: Universidade de Aveiro – Centro de Línguas e Culturas, 233-241.
- Stegagno-Picchio, L. (Ed.). 1959. "La questione della lingua in Portogallo." In: João de Barros. *Diálogo em louvor da nossa Linguagem*. Modena: Soc. Tipográfica Modonese.
- Torres, A. & Assunção, C. (Eds.). 2000. *Gramática da Linguagem Portuguesa (1536) / Fernão de Oliveira*. Edição crítica, semidiplomática e anastática. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa (reeditada em 2007).